



Rogério Fernandes*

Seara Nova: história de um envolvimento

Pede-me a Seara Nova, por intermédio do Herberto Goulart, um breve testemunho sobre o papel que, na minha perspectiva, foi desempenhado pela revista no campo cultural. Este pedido já tem algum tempo e só a acumulação de compromissos atrasou a resposta.

Abordar de forma exaustiva o tema proposto, ainda que num período temporal limitado, passaria pela exigência de largas pesquisas. Assim, apesar de correr o risco de me apelidarem de egocêntrico, servir-me-ei essencialmente de aspectos especiais da minha própria experiência como leitor e como redactor.

Em primeiro lugar, devo dizer que a Seara foi sempre uma arma e um símbolo da resistência à cultura da direita. O simples facto de ser leitor da revista, de ser seu assinante, ainda nos períodos menos activos, era sinal de que estávamos no lado oposto ao do salazarismo.

No meu caso pessoal, o convívio com a revista começou bem cedo, achando o seu lugar entre os meus sonhos de futuro. Ainda estudante de liceu, a Seara, no seu projecto resgatador, decalcava na minha imaginação O Semeador de João Barois e dos seus companheiros, no célebre romance de Roger Martin du Gard publicado pela Inquérito em tradução de Lobo Vilela (outro seareiro). Nesse romance achei os meus primeiros impulsos de vida e acção humanista racional, que me precipitaram num ateísmo definitivo por volta dos 15 anos.

Os meus contactos pessoais com a Seara passaram pela mirada daquele 1º andar da Rua da Rosa onde a redacção funcionava, e pelo atrevimento de remeter à revista um modesto ramalhete de poemas, um dos quais foi acolhido nas suas páginas, o que me encheu de surpresa e de contentamento. Apesar desse bom êxito, não repeti a oferta de colaboração literária. O meu nome ficou ausente durante anos.

Como leitor, nessas fases de formação, recorde alguns momentos em que a Seara me abriu portais para o futuro. Um deles consistiu no apoio dado pela re-

vista à candidatura de Norton de Matos, sendo ainda nas suas páginas que pude ler por extenso o discurso do velho general no campo do Salgueiros. Foi uma das experiências intelectuais que marcaram pontos altos nos meus aprendizados.

Outro evento na minha formação foi o acompanhamento da polémica de Manuel Mendes e Piteira Santos, por um lado e, por outro, Sant'Anna Dionísio, discípulo de Leonardo Coimbra. Isto ocorria no meu 4º ano liceal, no velho D. João de Castro da Rua da Junqueira onde Sant'Anna era meu professor de História e a quem, aliás, eu admirava muito. Naquele dissídio, porém, o meu coração estava do lado de Manuel Mendes e de Piteira, e o que estava em jogo era a coerência de Antero na sua vida política, negada pelos dois seareiros, que recusavam a imagem do vate como modelo de um clerc. Tenha Piteira atenuado ou não, mais tarde, o rigor do seu juízo, esta lição marcou-me fortemente.

Numas férias de Verão passadas na Malveira, conheci nos acasos das passeatas pelo pinhal um contabilista que trabalhava num organismo corporativo e que era leitor assíduo de António Sérgio e de Raul Proença. Assim, emprestou-me as Páginas de Política de Proença, cujo combate aos integralistas me deslumbrou, e o 1º volume dos Ensaaios de Sérgio.

Da leitura dos Ensaaios não tirei entusiasmo nos primeiros encontros como leitor. Era sobretudo o estilo que me embaraçava, sobretudo o tom algo afectado da sua prosa que me dificultava o contacto.

Entretanto, outros escritos de Sérgio começaram a interessar-me vivamente, sobretudo no campo da filosofia. A razão determinante foi a polémica de Sérgio com António José Saraiva, em cujo seguimento ele publicou as admiráveis Cartas de Problemática. A leitura das reflexões de Sérgio no campo da epistemologia constituiu um incitamento poderoso ao meu próprio pensamento, já de si estimulado na Faculdade de Letras por Edmundo Curvelo e por Vieira de Almeida.

Tive então a ousadia de escrever um pequeno estudo de teor



sergiano, em que o idealismo crítico imperava como ideologia filosófica dominante. Animei-me em seguida a procurar pessoalmente António Sérgio na Livraria Sá da Costa, no Chiado, onde em algumas tardes funcionava uma tertúlia com Vieira de Almeida, e outros intelectuais. Esperei que António Sérgio chegasse, expliquei-lhe que gostaria de conhecer a sua opinião acerca daquele escrito e da conveniência em publicá-lo, ao que me respondeu que teria muito gosto em ler o trabalho do seu jovem amigo, marcando-me uma dia e uma hora em sua casa, na Travessa do Moinho de Vento, à Lapa. Aí compareci pontualmente e tive com António Sérgio uma longa conversa em que mais me coube o papel de ouvinte, acabando ele por me devolver os papeis com uma frase muito animadora: "Um dia fará melhor." Em seguida, Sérgio perguntou-me se me disporia a aceitar uma bolsa de estudo para a Florida, numa universidade cujo reitor passara por Lisboa, onde conhecera Sérgio e lhe oferecera uma bolsa destinada a um dos seus alunos. Agradei mas não pude aceitar.

Sérgio haveria de historiar, numa breve síntese, a evolução da sua própria personalidade intelectual desde a fase inicial da Renascença Portuguesa e da revista *Águia*. Trata-se do artigo intitulado Sobre a minha colaboração na obra da "Renascença Portuguesa". A sua passagem pela Seara ocorreu após a fundação da revista, dado que, ao tempo, estava ausente no Brasil com Álvaro Pinto, aí publicando a *Águia*. Quando voltou e se integrou na Seara acabaria por ter uma violenta polémica com o então jovem Rodrigues Miguéis, no fundo sobre o pensamento marxista. Dir-se-ia que precisava da oposição de ou a alguém para definir mais claramente as suas reflexões. Terá sido aliás a Rodrigues Miguéis que terá dito um dia, num dos seus exílios em Paris, batendo com o punho no tampo da secretária e fazendo saltar tinteiro: "Eu só escrevo quando tenho um adversário à minha frente!"

Não fui nunca companheiro de Sérgio na revista, embora ele estivesse um tanto presente na pessoa de alguns seareiros. Alberto Ferreira, apesar de professar o marxismo, sentia-lhe fortemente a influência, assim como eu próprio. Sottomayor Cardia, na sua evolução filosófica desde o positivismo lógico ao marxismo, acabaria por pagar o seu tributo ao pensamento sergiano. Na fase final da minha passagem pela Seara coube-me a honra de insistir com Vasco de Magalhães -Vilhena no sentido de alargar as primeiras versões do seu escrito de homenagem a Sérgio, o que o ilustre pensador marxista realizou num livro de alto gabarito: António Sérgio, o idealismo crítico e a crise da ideologia burguesa.

Quando entrei na redacção da Seara, proposto por Alberto Ferreira, fui lá encontrar também Augusto da Costa Dias, Vasco Martins, Hipólito dos Santos, Prazeres Ferreira, Dolores, Lopes Cardoso, Mário Ruivo e pouco depois Ulpiano Nascimento, recém saí-

do de Caxias. É provável que esteja a esquecer algum dos companheiros desse tempo, a que viriam juntar-se Nuno Bredonde Santos, Aquilino Ribeiro Machado, Sottomayor Cardia. Outros se juntariam à mesa da redacção. Em períodos de crise política ou em fases eleitorais as reuniões na Seara abrangiam um grupo muito mais amplo de democratas. O director, Câmara Reys, era um homem de rara afabilidade. Antigo professor do Liceu Camões (no tempo de Aquilino e de Fidelino de Figueiredo), deixou um punhado de crónicas de um colorido e de uma leveza extraordinárias, além de um conjunto de conferências proferidas na Universidade Popular sob o título genérico de As questões morais e sociais na literatura. Entre elas destacaria a conferência sobre Eça de Queiroz.

Passando muitas vezes dificuldades financeiras com a revista, em parte porque confundia as suas próprias despesas e as da Seara, Câmara Reys tudo suportava até que D. Ema Romero, sua esposa, aceitasse mais uma vez o papel de salvadora. Esta situação só conheceria uma diferença sensível na fase em que uma nova comissão gestionária trouxera mais segurança às finanças seareiras.

Câmara Reys era um democrata liberal, inteiramente aberto ao convívio político com o Partido Comunista. Pelo menos no interior da revista existia um convívio pessoal extremamente cooperante. Em relação ao pensamento de esquerda lembremo-nos de que o número inicial de uma das fases de renovação da revista era ocupado por uma foto de Fidel Castro, havendo na revista extrema simpatia para com a esquerda revolucionária.

Com a morte de Câmara Reys o lugar de director foi ocupado pelo Capitão Augusto Casimiro, a quem chamavam o capitão da Flandres, herói da Grande Guerra (1914-1918), velho colaborador da Renascença e da *Águia*, a quem aprouve propor-me para o lugar de director-adjunto da revista. Estive ausente na reunião ou reuniões em que tais decisões foram tomadas, visto que tinha sido chamado a cumprir serviço militar pela 2ª vez.

Desembaraçado do serviço militar, cabia-me acompanhar no dia-a-dia a evolução dos materiais e paginar a Seara. O mecanismo de funcionamento era muito simples e razoável. Às segundas-feiras a redacção reunia-se à noite e eram lidos em voz alta e discutidos todos os artigos a inserir no número seguinte, exceptuando os do director. Os artigos eram aprovados ou recusados. Ninguém tinha voto de qualidade.

Os debates eram vivos e ninguém infringia as normas. Aprendi aí ao vivo a prática do pensamento democrático. A escola tivera e continuava a ter excelentes mestres, incapazes de uma felonía ou de uma duplicidade. Por isso a revista mantém no seu património do melhor que a cultura democrática semeou. ■

*Professor Universitário

